

RUA DR. ANTONIO CARLOS MORAES SALES

Decreto nº 6173 de 25-08-1980

Formada pela rua 41 do Bairro Palmeiras

Início na rua Dr. Constantino Raffi

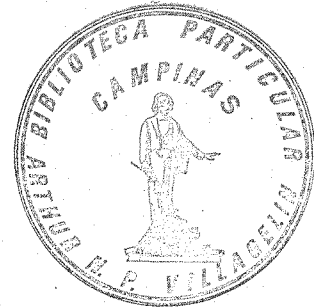
Término na avenida Papa João Paulo I

Bairro Palmeiras

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Francisco Amaral. Protocolado nº 21.028 de 24-07-1980 em nome de Prefeito Municipal.

ANTONIO CARLOS MORAES SALES

O dr. Antonio Carlos de Moraes Salles, carinhosamente chamado pelos parentes e amigos por "Baby", nasceu em Campinas em 31-janeiro-1912 e aqui faleceu em 12-julho-1980. Era filho de Sylvio de Moraes Salles e Leonor Barros de Moraes Salles e foi casado com Maria Felicia de Moraes Salles de cujo enlace nasceram dois filhos. O dr. Baby de Moraes Salles representou a quarta geração de profissionais ligados às lides forenses na mesma terra natal, a saber: seu bisavô Reginaldo Antonio de Moraes Salles; seu avô e homônimo Antonio Carlos de Moraes Salles; e seu pai Sylvio de Moraes Salles. Junto ao Baby mais dois irmãos formam a quarta geração. Quando se bacharelou pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1937, Antonio Carlos de Moraes Salles já era inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil - seção de São Paulo, como solicitador acadêmico. Execeu a profissão de advogado, ininterruptamente, até 1967, quando ingressou definitivamente, na Magistratura do Trabalho; na qual se aposentou em fins de 1974. De 1947 a 1967 foi Juiz Suplente do Trabalho perante a Junta de Conciliação e Julgamento de Campinas. Após sua aposentadoria na Justiça do Trabalho, Antonio Carlos voltou ao exercício da advocacia. Foi um dos fundadores do Clube dos Advogados, que presidiu e ao qual dedicou os seus melhores esforços. Foi também presidente da Ordem dos Advogados - sub-Secção de Campinas, com destacada atuação. No esporte, que praticou em sua mocidade, foi presidente do Conselho da Associação Atletica Ponte Preta, da qual foi fervoroso torcedor. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, integrando o Batalhão Raposo Tavares. Além de sua comprovada honradez e competência, o traço marcante de sua personalidade foi a transbordante bondade.



DECRETO N.º 6173 DE 25 DE AGOSTO DE 1980.

DENOMINA "DR. ANTONIO CARLOS MORAES SALES" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA :

Artigo 1.º – Fica denominada "RUA DR. ANTONIO CARLOS MORAES SALES" a Rua 41 do Bairro Palmeiras, com início na Rua Dr. Constantino Raffi e término na Av. Papa João Paulo I.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 de Agosto de 1980.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 21028, de 24 de julho de 1980, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de agosto de 1980.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

DADOS BIOGRÁFICOS DO DR. ANTONIO CARLOS DE MORAES SALLES (BABY)

Nasceu em 31 de Janeiro de 1912, nesta cidade de Campinas, filho do Dr. Sylvio de Moraes Salles e de Da. Leonor Barros de Moraes Salles, descendendo dos fundadores da cidade.

O biografado representou, como dois de seus irmãos, a quarta geração de varões dedicados profissionalmente às lides forenses na mesma terra natal. Com efeito, aqui exerceram essas atividades, sucessivamente, seu bisavô Reginaldo Antonio de Moraes Salles, seu avô e homônimo Antonio Carlos de Moraes Salles, e seu pai Sylvio de Moraes Salles que, com ele, pela repetição da escolha da profissão e pela forma pela qual a exerceram, imprimiram em conjunto um rastro imperecível que se configurou em tradição assás conhecida pelos que se interessam pelos fastos locais.

O ora enfocado colou grau na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, nas famosas Arcadas do Largo de São Francisco, como integrante da turma de 1937, sendo que a essa altura já enfrentava a árdua luta pelo direito, pois que já era inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil - Secção de São Paulo - como solicitador acadêmico.

Exerceu a profissão de advogado, ininterruptamente, até 1967, quando a deixou ao ingressar definitivamente na Magistratura do Trabalho, na qual se aposentou em fins de 1974.

Anteriormente, por volta de 1947, até 1967 foi Juiz Suplente do Trabalho perante a Junta de Conciliação e Julgamento de Campinas.

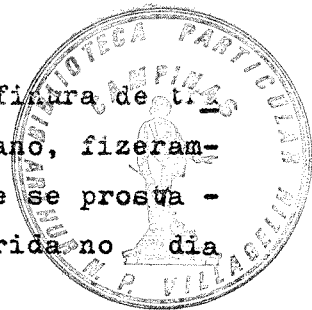
Após a sua aposentadoria na Magistratura do Trabalho, Antonio Carlos voltou ao exercício da advocacia perante a Justiça comum, vez por outra, para matar a saudade, como costumava dizer.

Quando se encontrava no auge da mocidade, aos vinte anos, participou da revolução constitucionalista de 1932, alistando-se no batalhão Raposo Tavares, que reuniu sob suas bandeiras e flâmulas a rapazeada idealista de Campinas, permanecendo ele por mais de dois meses no front, até o final das hostilidades.

Todavia, o traço marcante do biografado, além de sua comprovada competência e lisura profissionais, foi sem dúvida a sua transbordante bondade, que de pronto exercia seus benéficos efeitos aos que dele se acercavam, suprimindo-lhes, como que por passe de mágica, as aflições e problemas que os acabrunhavam.



Exatamente em razão de sua profunda bondade servia por figura de t. 2
o absolutamente fora das normas atuais de relacionamento humano, fizeram-
-no credor da maior simpatia e estima de seus concidadãos, que se prosta -
ram desolados ao enfrentarem a rude notícia de sua morte ocorrida no dia
12 de Julho p. passado. (1980)



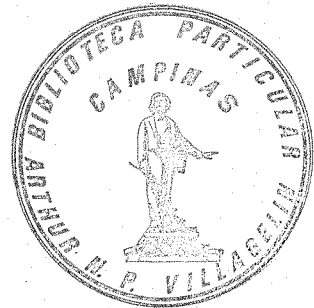
Foi um dos fundadores do Clube dos Advogados, de que foi presidente e seu idealizador apaixonado, ao qual dedicou os seus melhores esforços. Foi também presidente da Ordem dos Advogados - Sub-Secção de Campinas, em cuja gestão se bateu corajosa e denodadamente pelos direitos de seus colegas nas ocasiões em que foi necessário, empenhando todas as suas forças e pres^{te}tígio pessoal nesse mister.

Desde menino se interessou vivamente pela prática de esportes, participando de pelejas e de agremiações juvenis de aficionados de então, sendo que, mais tarde tornou-se entusiástico torcedor da Associação Atlética Ponte Preta da qual chegou a ser presidente do Conselho.

Era tal a sua vinculação esportiva por esse clube, que, embora fosse extremamente paciente e tolerante com brincadeiras de amigos, entretanto, nesse campo não aceitava, intransigentemente, qualquer referência que pudesse representar, ainda que vagamente, qualquer desrespeito a essa agremiação ou aos seus jogadores.

O nosso Baby passou a vida dando de si o máximo de bondade e simpatia tão bem traduzidos pelo seu indefectível sorriso - bálsamo, que tanta falta faz à sua família, aos seus amigos e a todos que o conheceram no mero contacto diuturno.

TRABALHO ELABORADO PELO DR. SILVIO DE MORAES SALLES,
ENTREGUE EM 09. DEZEMBRO 1980.-



ANTONIO CARLOS MORAES SALLES — (BABY)
— Faleceu nesta cidade dia 12 p.p. com 68 anos de idade, o dr. Antonio Carlos Moraes Salles. O extinto era filho dos falecidos; sr. Sylvio de Moraes Salles e dona Leonor Barros de Moraes Salles. Era casado com a sra. Maria Felicia de Moraes Salles, de cujo enlace deixou os filhos; Maria Sylvia de Moraes Salles Pereira Costa, casada com o dr. Flávio Alvarenga Pereira Costa; e Dr. Antonio Carlos Moraes Salles Filho, casado com Maria Tereza Ferreira Jorge Moraes Salles. Deixou os irmãos: dona Leonor Salles Rocha, casada com dr. José Martins Rocha; Sylvio de Moraes Salles Júnior, casado com dona Helena Cintra de Moraes Salles; Jaymencita de Moraes Salles Matos, casada com José de Matos; e Francisco José de Moraes Salles, (já falecido). Deixa também os cunhados; Sara Mendonça de Barros, Ruth Salvucci Martorano, Haydee S. Carrari, Yvone S. Rodriguez, Aureo Salvucci, Daniveo Salvucci, Elmo Salvucci e Palmira Caruzi. Deixa ainda os netos: Flavia, Thiago, Thomaz, Guilherme, Rodrigo, Antonio Carlos Neto e Felipe. Deixou também inúmeros sobrinhos. Seu funeral realizou-se no mesmo dia, saindo o féretro do Velório Municipal, as 17 horas, diretamente para o cemitério da Saudade, onde foi inumado em jazigo perpétuo da família. Houve missa de corpo presente no Velório acima mencionado.

(FAL. A 12.07.1980)



Moraes Sales, Dr. - Rua

(ANTÔNIO CARLOS DE MORAIS SALES)

Começa na rua Saldanha Marinho e se prolonga pela Estrada de Sousas. Liga a Estação ao Centro e às Campinas Velhas. A denominação foi dada pela Lei n. 87, de 10 de março de 1902 e confirmada por Ato de 10 de Junho de 1903. Tem duas larguras: 9 e 11 metros. Chamou-se antes, rua das Campinas Velhas e rua de São Carlos.

DADOS BIOGRAFICOS: — O Dr. Antônio de Moraes Sales nasceu em Campinas, em 27 de junho de 1846 e aqui faleceu em 19 de maio de 1903. Era filho de Reginaldo de Sales (Reginaldo Antônio de Moraes Sales e de dona Antônia Joaquina Pedrosa da Silva.

Fez o curso primário em sua cidade natal e os preparatórios num internato em São Paulo e depois a Faculdade de Direito do período de 1862/66.

Advogado ilustre, apontado como um dos causídicos mais completos de sua época pela profundidade do seu bom senso e de seu critério. Foi intenso às atividades políticas para as quais se confessava inteiramente desagastado, mantendo, porém, as suas convicções monarquistas. Sem alarde, era entretanto a voz que os exaltados e os chefes dos partidos solicitavam para acalmar e aplacar dissídio e desinteligências.

Millitou em nosso "Forum" cerca de 34 anos em plano superior e estranho à controvérsias que não fosse as dos judiciais. Por sua probidade franqueza e espírito de justiça, alcançou uma atualidade tão grande que açou a situação de quase "Oráculo" da cidade.

Serviu como promotor público durante anos com imparcialidade, clareza, argumentação sólida e quase suavidade que foram sempre os traços característicos de seu caráter de homem reservado e modesto, bem como devotado a trabalho.

Fora da profissão, elaborou poderosamente na organização ou na administração de várias empresas de serviços públicos, tais como a Companhia Campineira de Iluminação a Gás, Companhia Campineira de Águas e Esgotos e da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, da qual foi seu presidente.

Em um dos seus estupendos artigos históricos, escreveu Pelágio Lôbo: "... Quando o Governo do Estado, na presidência de Campos Sales, enfrentou, problema da imigração, a fim de corrigir os males da imigração subvencionada, (pois numerosas famílias de colonos italianos faziam a viagem com passagens e despesas pagas pelo Governo e após o serviço de uma colheita abandonavam a lavoura, regressando à Pátria ou rumando para a Argentina, Moraes Sales apontou ao Governo a criação de um grande núcleo colonial que foi, afinal, aberto em Campinas, nas terras do Funil, entre o Atibaia e o Jaguari. A instalação do núcleo acarretou a fundação de uma empresa ferroviária para facilitar as comunicações. Dêse trabalho e dêse plano arrojado, no qual entrara com o Barão Geraldo de Rezende, Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida e José Paulino Nogueira, um núcleo que depois tomou o nome de Campos Sales e do povoado emergiu um distrito que não tardara muito a ser a cidade de — Cosmópolis —..."

Sua forte personalidade ainda hoje é evocada como exemplo de dignidade, amor ao trabalho, espírito de renúncia com que procurava se conduzir, norteando os seus atos dentro do espírito da caridade da compreensão e da solidariedade humana, fazendo de sua vida uma bênção para os outros e de sua presença no mundo, por sua riqueza de sentimentos e nobreza de coração, um motivo de felicidade e esperanças para todos os que se lhe acercavam.

Sua repentina e inesperada morte motivou o fechamento do comércio, o encerramento das aulas e a paralisação de todas as atividades da cidade. E tal era o devotamento que o povo lhe tinha, que o seu corpo foi transportado em mãos, por populares, até o cemitério.

O mausoléu onde repousam os seus restos mortais foi doado à família por amigos. Nêle, as três virtudes teologais, "Fé, Esperança e Caridade", estão simbolizadas.

As Inspirações dos PAULISTAS De Ontem e de Hoje

ANTONIO CARLOS DE MORAIS SALES, PADRÃO PAULISTA DE DIGNIDADE — SEUS ANTECEDENTES

De vez em quando é preciso reler velhos documentos, para neles buscar uma fonte de pureza e de beleza. Da linguagem ingenua de outrora brotam as palavras carregadas de um profundo senso de honra e dignidade, de estoicismo e elevação moral. A todo momento os velhos documentos fazem referência ao "homens bons" de Piratininga. Quem eram esses "homens bons"? Aqueles que exerceram altas funções, que tiveram mandatos supremos no país todo, ou apenas na mais restrita comunidade? Não, nada disso. Homens bons eram aqueles que sabiam viver com dignidade, aqueles a cujo respeito se podia escrever, num testamento: "Fulano me deve o que disser..."

O respeito à palavra, o conceito exato do valor da palavra: eis o mais precioso dos bens perdidos. Quem teria, hoje, esta frase, a respeito do seu maior amigo: "Fulano me deve o que

disser..."? Ninguém faria isto, pois saberia muito bem que sua viúva, ou seus filhos, jamais veriam a quantia emprestada...

Portanto, é dentro destes valores exatos que temos procurado manter esta série de reportagens sobre o passado. Temos procurado focalizar, não aqueles que ocuparam altos cargos, mas os que souberam ocupá-los honradamente. Não os que foram ricos ou nobres, mas os que obtiveram a riqueza ou a nobreza de títulos pela riqueza de seus sentimentos humanos, pela nobreza de seu coração. Não os que ameaçaram grandes cabedais, mas os que souberam reuni-los, lenta e penosamente, à custa de sacrifícios e renúncias: todos aqueles que fizeram de sua vida uma bênção para os outros, de sua presença no mundo um motivo de felicidade e de progresso material ou moral para seus contemporâneos.

Dentro deste conceito de "homem bom" de Piratininga, poucas personalidades cabem com tanto acerto como a de Antonio Carlos de Moraes Sales.

Antes de examinarmos sua figura, remontemos um pouco ao passado, e, com o auxílio das notas amavelmente fornecidas por uma neta carinhosa, estudemos a genealogia deste paulista.

Conta a história que no dia 14 de dezembro de 1797 se realizava na praça da Matriz da então freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas a mudança da denominação desta para a de Vila de São Carlos. Empunhando a vara da Justiça, presidia o ato o ouvidor e corregedor geral da comarca da cidade de São Paulo, dr. Caetano Luís de Barros Monteiro, que era acompanhado pelo juiz presidente da Câmara de Jundiá, tenente (mais

tarde capitão) Francisco de Paula Camargo, estando presentes diversos vereadores de Jundiá e quase todos os moradores das Campinas. Era o capitão Francisco de Paula Camargo um dos mais prestigiosos habitantes das Campinas, onde tinha sua fazenda, impondo-se a os olhos de todos por seu senso de justiça e honestidade. Exercia suas funções de juiz e de presidente da Câmara, na Vila de Jundiá, para onde ia sempre que lá se tornasse necessária a sua presença. O capitão Francisco de Paula Camargo e sua esposa, da. Petronilha Clara do Amaral, foram ancestrais de Antonio Carlos de Moraes Sales, e deixaram grande descendência. Sua filha, Maria Teresa do Amaral, casou-se com o sargento-mor José Pedroso da Silva; a filha deste casal, Antonia Joaquina Pedroso da Silva, casou-se com Reginaldo Antonio de Moraes Sales. Examinemos a vida deste ultimo, que foi pai de Antonio Carlos de Moraes Sales.

Reginaldo Antonio foi um campineiro que muito amou sua terra, dividindo a existencia entre ela e sua familia. Tomou parte, ao lado do padre Diogo Antonio Feijó, Rafael Tobias de Aguiar e centenas de companheiros de Campinas, Sorocaba, Limeira, Itu e Rio Claro, num movimento de revolta contra o governo. O então alferes Reginaldo Antonio praticou atos de bravura e de abnegação. Depois de quase um ano de lutas e grandes sacrificios, foi a revolução sufocada, sendo presos quase todos os cabeças e enviados à capital da Provincia. Entre estes se encontrava Reginaldo Antonio, que, depois de submetido a julgamento, foi absolvido e libertado. Acompanhado por sua familia, pôs-se a caminho para vol-



Silvio de Moraes Sales

Cam

ANDV 1 479.7

tar a Campinas. A duas le-
guas da cidade era espera-
do por um grupo numeroso
de cavaleiros, amigos e po-
líticos, influentes que ali
estavam para manifestar-
lhe o jubilo por sua volta.
Acompanhado por esta co-
mitiva, chegou à sua casa,
onde o esperavam outras
pessoas que lhe tributaram
homenagem de reconheci-
mento pelo muito que ha-
via feito por sua terra. To-
mou parte saliente, sem-
pre, em todos os aconteci-
mentos da época, e entre
muitas atividades exerceu
a de usineiro de açúcar,
cultura a que muito se de-
dicava a Vila de São Car-
los. Faleceu Reginaldo An-
tonio em 1867, na cidade
de Campinas, onde deixou
os seguintes filhos: Maria
Teresa de Moraes Sales,
que se casou com o dr. Joa-
quim Antonio Pinto Ju-
nior; Diogo de Moraes Sa-



Jaime Moraes Sales



Antonio Carlos de Moraes Sales



Da. Maria de Sales Franca e Luis de Paula Franca, filha e genro do dr. Moraes Sales

les, casado com da. Gabrie-
la Fernandes Cantinho;
Manuel Reginaldo de Mo-
rais Sales, casado com sua
prima, da. Francisca de
Campos Sales; José Pedro-
so de Moraes Sales, casado
com da. Maria Fernandes
Cantinho; e Antonio Car-
los de Moraes Sales, que se
casou com da. Eufrosina do
Amaral Sousa.

Antonio Carlos foi o uni-
co filho que seguiu a car-
reira das letras, pois todos
os outros se dedicaram à
lavoura. Veio para São
Paulo, onde concluiu seus
preparatórios num inter-
nato, e ingressou na Facul-
dade de Direito, em princi-
pios de 1862, aos 15 anos
de idade, para se formar
em 1866. Parece ter sido a
sua turma na Faculdade
uma das mais brilhantes.
Dela faziam parte: o futu-
ro barão do Rio Branco,
Juca Paranhos, como lhe
chamavam; Martinico Pra-
do, Carlos Augusto de Sou-
sa Lima e José Xavier de
Toledo, mais tarde presi-
dentes do Tribunal de Con-
tas de São Paulo; Eze-
quiel de Paula Ramos, uma
das primeiras figuras da



Da. Ana Eufrosina do Amaral Sales

nosso Constituinte de 1890.
Fagundes Varela foi um
dos expoentes dessa turma.
Conta-nos Almeida No-
gueira, nas "Tradições de
Reminiscencias" da Aca-
demia de São Paulo", no
volume segundo, que Mo-
rais Sales, Sousa Lima e
Xavier de Toledo eram im-
berbes e os mais moços da
turma. Freqüentava Mo-
rais Sales a republica de
Juca Paranhos, tendo ali a
oportunidade inesquecível
de ouvir, muitas vezes, a
palavra inflamada de Fa-
gundes Varela.

Desde a juventude, Mo-
rais Sales foi reservado,
modesto e de temperamen-
to triste, mas isto não im-
pediu que tivesse grandes
amigos, como o alegre e
expansivo Sousa Lima,
também campineiro.

Em 1867, quando voltou
para sua terra, era o forum
de Campinas dos mais mo-
vimentados da Provincia,
figurando entre seus cau-
sídicos nomes notáveis co-
mo os de Delfino Cintra,
Rangel Pestana, Francisco
da Costa Carvalho e ou-
tros. Serviu Moraes Sales
como promotor publico du-
rante muitos anos e intro-
duziu nos debates forenses
o habito das exposições
claras, tecidas com argu-
mentação cerrada em tor-
no do fato delituoso, sem o
recurso de arreatamentos
tribunicios, tão em voga
na época. Estas expansões
não eram do seu feitio.
Serviu ao cargo com a im-
parcialidade, a placidez e
a quase suavidade de pro-
cessos que foram a norma
de toda a sua vida. Consa-
grando-se depois à advoca-
cia, adquiriu enorme pres-
tigio em questões de terras,
nessas pequenas demandas
em que os sitiantes se ex-
tremam em odios irrefreá-
veis, pois levava suas inda-
gações a fundo, estudando
e encadeando títulos de
propriedade, procurando es-
clarecer conscienciosamen-

Cam

te as mais intrincadas questões. E, como agudamente observou João Arruda, quando se convencia da fraqueza das pretensões do cliente aconselhava-o imediatamente a fazer acordo com o adversario. Esta probidade, e sua franqueza, deram-lhe, desde os primeiros anos de atividade profissional, uma autoridade que o alçou à situação de quase oraculo da comarca. Em 1880 exerceu o cargo de Juiz Municipal de Campinas. Infenso à atividade politica, para a qual se confessava inteiramente desajeitado, e mantendo suas convicções monarchistas, era, no entanto, uma voz que os exaltados e os chefes de partidos solicitavam com frequência para aplinar dissídios. Concentrava sua atividade na advocacia, e, mantendo-se em plano estranho e superior às controversias, tinha a necessaria autoridade para opinar, e nunca se recusava a fazê-lo.

Com o correr dos tempos, tornou-se Moraes Sales uma voz oracular no foro de Campinas. João Arruda, no seu livro "Quarenta anos de vida forense", aponta-o como um dos causidicos mais completos que conheceu, e o coloca a par de outro advogado insigne, Francisco da Costa Carvalho. Diz

ele: "Era o dr. Moraes Sales homem de rara compostura, falando pausadamente, sem nunca dar mostra de impaciencia, nem de colera. Todavia, era extremadissimo pai de familia, e na intimidade com os colegas até expansivo. Muito fez por sua terra, tendo tomado parte saliente em diversas empresas, como: a criação de um grande nucleo colonial nas terras do Funil, para solucionar os males da imigração subvencionada, com que muito lutou o governo de São Paulo; foi com alegria que assistiu à fundação do Ginasio de Campinas, pelo qual foi um dos fundadores da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, e pela morte de seu grande amigo dr. Francisco Sales de Oliveira, assumiu a presidencia da mesma."

Deu, então, seguimento ao grande plano renovador da via ferrea, o primeiro lançado em moldes de ampla visão pelo dr. Sales de Oliveira e no qual a empresa resolveu a sua primeira grande crise, entrando num decenio de prosperidade, que a colocou entre as primeiras vias ferreas do país. Tendo recusado, por excessivo retraimento, um convite do então presidente da Republica, Campos Sales, que desejava tê-lo como representante num congresso,

receber deste um longo telegrama que assim terminava: "...você não pode recusar, pois é um serviço a Campinas, a São Paulo e ao Brasil."

Foi, pois, contrafeito que se dispôs a acompanhar os trabalhos do Congresso, realizado em comemoração ao 4.º centenario da descoberta do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1900. Perante varias comissões, apesar da modestia e esquivança de seus modos, fez sentir, em varios debates, a profundeza e o equilibrio dos seus conhecimentos nas teses propostas à discussão.

Faleceu o dr. Moraes Sales, inesperadamente, aos 57 anos. A noticia de sua morte causou verdadeira consternação em toda a cidade, nos lares em que era conhecido. Pode-se dizer que a vida da cidade parou. Todos se vestiram de luto fechado, as escolas suspenderam as aulas, o comercio fechou as portas e o seu nome era repetido por todos em evocações lamentosas. A hora do enterro sua casa foi invadida pelo povo, que levou em mãos o feretro até a sepultura. Falaram então, em nome da Camara Municipal, o sr. Antonio Lobo, representando o foro, o sr. Paulo Florence, promotor; e o sr. Alvaro Miller, que fora escolhido para representar a imprensa, não pode terminar sua oração, tomado de irreprimivel choro. Cesar Bierrenbach, outro illustre campineiro, pronunciou tambem comovidissima oração.

Tal foi a vida admiravel deste cidadão paulista, autentico "homem bom" da Piratininga de alguns anos atrás. Guardando seu nome com veneração, procurando imitar seu exemplo, os muitos Moraes Sales de hoje se orgulham de descender de seu sangue. Na proxima reportagem, teremos oportunidade de mencionar alguns nomes da geração atual, esperando ter a colaboração e informação de outros ramos do clã, que por acaso desconhecamos, ainda em tempo de publicar os nomes de todos os seus descendentes em linha reta.

Cam